



ENTREVISTA “UM CAMINHO PARA CONSTRUIR INDIVÍDUOS EMANCIPADOS”

A professora Sônia Aguiar fala sobre formação de jornalistas e afirma que o jornalismo só tem sentido quando atrelado à crítica.

Enio Moraes Júnior¹

Sônia Aguiar Lopes² é Doutora em Comunicação/ Ciência da Informação, com tese sobre informação e contrainformação nas redes de ONGs e movimentos sociais, tem graduação e mestrado em Comunicação, e foi professora de Jornalismo da Universidade Federal Fluminense (UFF) durante 20 anos (1984-2004). Paralelamente, acumulou experiência como consultora em planejamento estratégico de comunicação e de portais de conhecimento nas áreas de meio ambiente, saúde e educação a distância. Atualmente é professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe, onde coordena o Laboratório Interdisciplinar de Comunicação Ambiental (LICA), e pesquisadora Fapitec-SE. Tem atuado também como avaliadora *ad hoc* de periódicos científicos como Ambiente & Sociedade,

¹ Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP e Professor e Coordenador Pedagógico do Curso de Jornalismo da ESPM-SP. E-mail: enio@espm.br

² Entrevista realizada pelo pesquisador Enio Moraes Júnior como parte de sua tese defendida na ECA / USP em 2011 e agora especialmente editada para a Revista Alterjor. OBS: Dados retirados da Plataforma Lattes em 11 de junho de 2014. <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=W8271931>

Brazilian Journalism Research (BJR) e Sur le Journalisme. Seus temas de interesse são: geografias da comunicação e da mídia; comunicação ambiental; jornalismo regional; contraespecialistas e apropriações sociopolíticas das tecnologias digitais de informação e comunicação.

Enio Moraes Júnior – Você é a docente responsável pelo jornal-laboratório do curso de jornalismo da Universidade Federal de Sergipe, o *Contexto*. Uma das edições (setembro / 2009) traz uma série de reportagens sobre cidadania ambiental. Como é que se ensina, ao aluno de jornalismo, o exercício desse que é um dos aspectos mais relevantes e desafiadores da cidadania contemporânea?

Sônia Aguiar – Primeiro a gente tem que situar o aluno no contexto das questões ambientais contemporâneas. Logo quando eu entrei na UFS, a primeira disciplina que eu assumi foi *Seminários Temáticos VI*, em que você pode propor um tema de atualidade. Eu propus jornalismo e meio ambiente, mas o interessante foi que a reação dos alunos foi muito ruim, porque eles estavam esperando que naquele período fosse oferecido jornalismo esportivo. Foi isso que havia sido combinado com o professor, no semestre anterior. Mas a disciplina foi deslocada para mim e logo na primeira aula eu disse: “Olha, eu não tenho nada a ver com jornalismo esportivo. A minha proposta é essa”. Nessa mesma aula, eu comecei a perguntar a cada um deles o que eles entendiam por meio ambiente e foi interessante porque a própria pergunta já os deixou meio em choque. Eles nunca tinham parado para pensar sobre isso. Então, a gente começou a mapear que havia um senso comum bem rasteiro do que seria meio ambiente: “Ah, eu economizo água, luz, eu jogo lixo no lixo”. Mas depois você começa a ver que essa economia é financeira, não se tem uma clareza do que é que representa a água, a economia, o consumo. Aí eu comecei a ver que havia um terreno muito fértil para trabalhar. E há muito tempo, porque eu fui professora primária, que eu trabalho com a ideia de construção do conhecimento com o aluno. Eu sempre digo para eles: “Aqui eu sou coadjuvante. Aqui não é o professor que ensina e o aluno que aprende. Eu vou dar as ferramentas teóricas, conceituais, práticas, tecnológicas e se vocês usarem, ótimo. Vocês vão dar um passo adiante. Se vocês não usarem, vocês vão sair daqui igual

entraram”. Então essa ideia de construção da cidadania para mim tem a ver com levar os alunos a tomarem consciência de onde eles estão e como eles se situam em cada questão que a gente está trabalhando em cada disciplina. Na disciplina em que eu trabalho especificamente a questão ambiental, procuro trazer isso, trazer questões como: o que está acontecendo com o meio ambiente como um todo? Qual a relação do global com o local? E a questão regional, que raramente é colocada? No país todo, na comunicação, a questão regional é ironicamente periférica. Poucas pessoas trabalham com a ideia de comunicação regional e quando trabalham, o regional é na verdade uma meso-região ou uma sub-região. E é uma coisa que me espanta porque o Nordeste tem uma identidade regional muito forte. Ninguém se diz sudestino, mas as pessoas fazem questão de dizer que são nordestinas, ou nortistas. Alguns falam sulistas, mas não é muito comum. Nem mesmo no Rio Grande do Sul, que tem uma identidade muito forte, mas a identidade da região não é também muito generalizada. No Nordeste e no Norte, no entanto, existe isso, e isso tem muito a ver com a natureza. No Sudeste, a gente não tem essa aproximação com a Mata Atlântica como a população aqui tem com a ideia de caatinga, de semi-árido. A consciência de que estão dentro de um bioma muito específico, muito maltratado, muito subjogado. Quando eu trago esse assunto à tona, os alunos reclamam da maneira como o nordestino é visto no resto do país. Então eu tento fazer essas conexões e tento ver o que é que eles trazem para mim e como eu posso devolver isso para eles em forma de estímulo para a reflexão.

EMJ – Os alunos estão predispostos a estudar cidadania, seja ela ambiental, seja ela em que sentido for?

SA – Eu não sei se predispostos a estudar cidadania, porque também não foi proposto para eles dessa forma. Na verdade, o que eu tento fazer é estimulá-los a exercer a cidadania criticamente. Até porque, hoje em dia, essa coisa da cidadania está muito senso comum. A própria mídia fala em cidadania, os governos falam em cidadania, mas de que cidadania estão falando? A minha concepção, o tempo todo, é de emancipação, de contra-hegemonia. É com esse referencial que eu trabalho. Eu não entendo cidadania simplesmente como você cumprir as leis que são dadas, porque isso seria conformar-se

a uma cidadania que é dada de fora para dentro. Eu acredito que a cidadania é construída na interação, de dentro para fora e de fora para dentro. Se não houver governo, se não houver os mecanismos de aplicação das leis e de fiscalização, que é o que o estado tem que oferecer, não vai adiantar eu ter a vontade de exercer a minha cidadania. E o Brasil está muito atrasado nisso se comparado, por exemplo, com os países europeus, em que essa questão da cidadania e da articulação estado – indivíduo – sociedade é muito clara há séculos. No Brasil essa é uma coisa relativamente recente. Eu diria que é uma coisa praticamente pós-ditadura militar. Temos muito pouco tempo de história de cidadania. Então, nesse aspeto, o que os alunos trazem para mim é uma certa estranheza de quando se coloca a possibilidade de eles exercerem essa cidadania, a possibilidade de eles se colocarem de maneira emancipatória frente às instancias de poder, de eles questionarem os sistemas hegemônicos, o senso comum. Num primeiro momento, eu sinto que isso causa a eles uma certa estranheza, mas eu acho que a resposta vem muito rápido, pelo menos por parte da grande maioria. Mas sempre há aqueles que querem ficar ali, naquele mundinho, sem serem exigidos. Mas isso tem em qualquer lugar. Eu acho que a maioria responde muito bem e isso é o que estimula o meu trabalho.

EMJ – Você fala da cidadania como algo que emancipa o indivíduo. Qual a avaliação que você faz dos seus alunos? Você acha que eles saem das suas disciplinas mais estimulados a, como profissionais de jornalismo, estimular a emancipação dos indivíduos, dos brasileiros?

SA – Esse é o meu objetivo. Eu esqueci de comentar que, além do construtivismo, que é esse processo, eu também trabalho muito o conceito de situação-problema. Coloco o problema para eles e proponho: “Como vocês resolveriam isso?”. Eu digo para eles que é isso que eles tem que enfrentar na profissão. A cada pauta é uma situação-problema em que eles tem que dar conta daquela informação, daquela situação que está proposta. Inclusive se eles perceberem alguma outra possibilidade de executar aquelas pautas, eles tem que saber apresentar uma boa argumentação para o chefe para dizer que vão colocar uma coisa que não estava prevista na pauta e que aquela coisa é tão boa ou melhor do

que aquilo que o chefe colocou. E isso exige uma outra capacidade. Eu acredito que se eles forem capazes de exercer isso no dia a dia da profissão, eles estarão se emancipando do ponto de vista profissional. E aí eu também vou poder contribuir. Mas a gente sabe os constrangimentos que existem na profissão e eu não escondo isso deles. Eu não digo para eles que vai ser uma coisa fácil. Na primeira vez que eu dei uma disciplina na área da teoria do jornalismo, a turma era um grupo muito pequenininho. Então, eu disse para eles: “Vamos trabalhar como grupo de estudos de jornalismo comparado”. Então eu comecei a colocar minhas ideias, falei que tinha muito pouca coisa escrita e comecei a falar *ene* questões. Aí um aluno chegou e disse: “Nossa, mas isso é difícil, professora!”. Aí eu disse: “Você está pensando que conhecimento é bolinho?” Para quê? Aquilo virou um bordão no curso inteiro (risos). Cada vez que eu falava um negócio, alguém dizia: “Tá pensando que conhecimento é bolinho?” (risos). Enfim, eu acho que às vezes uma coisa mais leve que você coloca e que, de alguma forma, mexe com aquilo que já está estruturado e os desestrura um pouco, ajuda a construir o caminho da emancipação e, com isso, da cidadania.

EMJ – Eu gostei da ideia da emancipação e vou retomar. Você tem uma carreira extensa como professora de jornalismo e tem também trabalhos relevantes como jornalista. Como você avalia que trabalha melhor esse seu olhar emancipatório: formando jornalistas ou sendo jornalista?

SA – Eu acho que eu só pude ser a professora de jornalismo que eu fui e sou porque eu fiz uma carreira de jornalismo não usual. Ou seja: eu não fiz uma carreira jornalística *mainstream*. Eu trabalhei muito pouco em grandes empresas jornalísticas e na empresa em que eu fiquei mais tempo, o *Jornal do Brasil*, eu não trabalhei na redação. Trabalhei em um departamento, o Departamento Educacional, onde a gente fazia um jornal para professores e um jornal para estudantes. Esses jornais eram baseados no noticiário do jornal. Mas eu comecei minha vida profissional no grupo Manchete e tive uma rápida passagem pelo *O Globo*. Meu primeiro emprego foi em um departamento de pesquisa em que eu fazia textos básicos para os medalhões do jornalismo. Portanto, o fato de não ter feito uma carreira nos grandes veículos, nas grandes redações, me permitiu um olhar

sobre o jornalismo que me deu essa capacidade de ver outras possibilidades de exercer a profissão. E todo meu trabalho de professora de jornalismo foi baseado em uma perspectiva de que você pode ser jornalista de diferentes maneiras, de que as grandes redações não são o único caminho possível para ser jornalista. Ser jornalista é basicamente lidar com a informação. E como eu estava em uma faculdade em que o curso de comunicação tinha jornalismo, publicidade e cinema, eu sempre procurava mostrar para os alunos: “Olha, a gente tem aqui três vertentes de comunicação que para mim são muito claras: jornalismo lida com informação, publicidade lida com persuasão e cinema lida com expressão”. Só que o jornalismo, ao lidar com informação, também tem uma base de persuasão e também tem uma base de expressão criativa. Então eu consideraria que o jornalismo seria, no campo da comunicação, a formação mais ampla que, inclusive, permitiria a esse profissional transitar um pouco no campo dos outros. Você encontra jornalistas no marketing, na publicidade. Você encontra jornalistas fazendo documentários, cinema. Mas dificilmente o contrário, mesmo que se permita. Porque se você só pensa na imagem e se você não pensa o cinema como uma possibilidade de veiculação da informação, dificilmente você vai poder trabalhar como jornalista. E se você também é um publicitário que só pensa no produto com a ideia de convencimento, sem que você pense na informação como produto ou serviço, em informar esse consumidor sobre esse produto ou serviço oferecido a ele, de forma que ele possa fazer uma escolha consciente desse produto, você não consegue fazer com que ele transite. Isso é muito importante na questão ambiental. No nosso grupo de professores estamos vendo isso muito claramente. A gente tem gente de publicidade, do audiovisual, das mídias digitais. Cada um de nós atua em uma frente e o tempo todo a gente vê o quanto informar as pessoas sobre a questão ambiental é importante, dependendo da linguagem. A gente pode usar todas as linguagens. Pode usar a linguagem jornalística, a linguagem audiovisual, a linguagem publicitária ou mídias digitais para passar essa informação que vai ajudar as pessoas a se informarem como cidadãos conscientes da sua inserção no meio ambiente.

EMJ – Na UFS, como na maioria das escolas que tem cursos de jornalismo, existem professores que são da academia, permanecem na academia como professores de jornalismo. Outros, muitas vezes, fazem no máximo mestrado para dar aulas, mas tem

sobretudo uma carreira no mercado. De onde vem a Sônia professora? Dessas duas facetas, qual a faceta principal para o ensino?

EMJ – Eu acho que isso não dá para separar. No meu caso, especificamente, eu acho que isso está totalmente imbricado. Quando eu estou trabalhando o jornal com os alunos, eu só consigo fazer o jornal dessa forma porque eu tenho a prática jornalística. Eu fui editora de algumas publicações em um contexto pequeno. Então eu sei lidar com pequenas redações ou com circulação dirigida. Eu trabalhei muito tempo em veículos onde eu fui redatora, repórter, produtora, na maior parte da carreira, em publicações de circulação dirigida. Isso fez com que eu pudesse estar muito perto dos processos decisórios. Então, por exemplo, nos últimos 10 anos em que eu dei aula na UFF (*Universidade Federal Fluminense*), eu dei uma disciplina chamada Edição Jornalística e eu construí o programa dessa disciplina todo baseado em planejamento editorial, em planejamento estratégico e táticas editoriais. Eu apliquei os conceitos de estratégia e tática para o planejamento editorial jornalístico, baseado não tanto nas minhas leituras, mas nessa experiência que eu vivi. O *Jornal da Cidadania*, que eu fiz para o Ibase (*Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas*), foi fundamental nisso. Eu estava fazendo meu doutorado quando uma amiga me convidou para entrar nesse projeto. Eu disse que não, que eu estava fazendo doutorado, tinha conseguido licença e tal. Ela insistiu, disse que achava que eu tinha o perfil. O jornal era ligado à Ação pela Cidadania. O Betinho tinha dado o nome de *Primeira e Última* porque o jornal só tinha frente e verso. Mas eles queriam mudar, queriam um jornal que tivesse mais páginas, com uma circulação maior, de 200 exemplares, com uma distribuição ampla, voluntária e gratuita. Havia toda uma engenharia para ser feita, com vários aspectos a serem considerados. E eu aceitei o desafio. Propus o jornal e propus a mudança do nome. Ninguém tinha coragem de chegar ao Betinho e propor essa mudança, mas eu propus e ele aceitou sem problemas. O jornal começou com tiragem de 200 mil exemplares e eu fiquei editando. Montei equipe, fomos trabalhando a linha editorial dele e fiquei lá de meados de 1994 até o final de 1995, quando saí para escrever a tese. E o jornal existe até hoje. Ele foi mudando, claro, mas se mantém gratuito e com uma estrutura de circulação voluntária. E isso, para mim, é um projeto vitorioso. Mas eu não tenho como dizer que se eu sou mais a jornalista ou a professora em sala de aula. É algo feito

Tostines: eu ensino o que eu aprendi na prática e levo à minha prática o que eu estudo para ensinar. Sempre foi tudo uma coisa muito imbricada.

EMJ – Considerando três atores que eu reputo importantes do processo de formação do jornalista – o aluno, o professor e a escola, e quando eu falo da escola falo do projeto pedagógico, das condições laboratoriais, enfim – qual deles é o mais responsável, do ponto de vista da cidadania, no produto final que sai da faculdade de jornalismo: o jornalista formado?

SA – Não existe um que seja mais importante. O jornalista formado é resultado da interação que acontece, em todos os sentidos, tanto positivos como negativos. Algumas coisas podem influenciar mais positivamente, outras, mais negativamente. É uma amálgama. Por exemplo, se você estudou na faculdade em um período em que os laboratórios estavam extremamente precários, desmontados, e você teve pouca oportunidade de experimentação, certamente aquilo vai influenciar, de uma certa maneira. Mas aí depende também da compensação que foi oferecida ao aluno ou que o aluno soube buscar para lidar com aquela deficiência na sua formação. Às vezes é a própria universidade que busca essa alternativa e que oferece essa compensação, às vezes é o professor, por iniciativa própria – “Vamos visitar um jornal, vamos fazer um jornal mural” – cria alternativas para lidar com aquela deficiência. Às vezes é o próprio aluno que busca essa alternativa fazendo estágios, tentando aproveitar mais o seu estágio. Enfim, eu acho que é muito difícil dizer quem é responsável. Eu acho que é um tripé que tem que se manter equilibrado o tempo todo, inclusive para compensar as deficiências de um lado e de outro. Uma coisa que os colegas professores comentam muito é que não se sabe o que acontece: em um semestre a gente tem uma turma ótima, tudo que a gente oferece a turma responde, faz um jornal maravilhoso. No semestre seguinte, você chega com o mesmo entusiasmo e a turma não responde. E você não sabe porquê, estamos na mesma instituição, os alunos passam pelo mesmo processo de seleção e não se sabe porque uma turma é de um jeito e a outra é de outro. E aí você já tem que redirecionar e ver que mecanismos vai ter que utilizar para estimular aquela

turma desinteressada, aparentemente despreparada. Eu acho que não tem uma receita de bolo.

EMJ – Qual elemento determina a formação do jornalista? O mercado ou o compromisso do jornalismo com o interesse público?

SA – Eu acho que infelizmente ainda é a ideia de mercado. Mas eu venho particularmente de uma geração de professores da UFF que tinha muito claro que a gente não queria formar profissionais especificamente para o mercado. A gente queria formar para a sociedade e isso está escrito como todas as letras na reforma curricular que a gente fez em 2004 para vigorar em 2005. Se não fizeram uma nova reforma, isso está lá no currículo e no projeto pedagógico. A gente entendia – e eu entendo – que se a gente prepara o aluno para o interesse público, esse profissional é também capaz de trabalhar para o mercado, mas a recíproca não é verdadeira. Se você foca no mercado, como o mercado é volátil, o nível de exigência do mercado para a porta de entrada do profissional é muito rasteiro. Então eu falo para os meus alunos: “Se vocês se preocuparem apenas em entrar para fazer o feijão com arroz, vocês se tornarão profissionais descartáveis rapidamente”. Eu acho que as universidades colocam muito mais profissionais nesse mercado jornalístico do que aquilo que ele tem necessidade. Com isso, você tem uma mão-de-obra rotativa e descartável. Fica no mercado aquele que é capaz de fazer um diferencial, que é capaz de formular, que é capaz de interagir, de questionar, inclusive, sua própria chefia. Enfim, eu acho que, apesar de haver uma dominância em formar para o mercado, o próprio mercado acaba aproveitando de forma mais duradoura aquele jornalista que sai com uma visão do jornalismo de interesse público.

EMJ – Quando é que um jornal-laboratório – no caso, o *Contexto*, – cumpre, para o aluno, para o professor e para o público leitor desse jornal, o papel do jornalismo do ponto de vista da cidadania?

SA – Não só com toda discussão que a gente tem na pauta, como a ideia de reportagem. A gente trabalha com a ideia de reportagem, não de notícia, que é algo que eu acho que a gente precisa trabalhar mais de agora em diante: menos noticiabilidade e mais reportabilidade. O jornal-laboratório cumpre esse papel quando os alunos saem para fazer a reportagem com a consciência de que eles tem que trazer informação, que ele tem que tirar informação da fonte, que eles tem que trabalhar com o contraditório entre as fontes. Quando o aluno não se intimida pelo fato de estar em uma instituição em que ele não tem que divulgar apenas informações favoráveis a ela, que ele também tem que ser capaz de exercer um censo crítico em relação à própria instituição. Mas nada disso pode ser efetivado se o jornal não tiver periodicidade. Se ele não tem periodicidade, ele não cria vínculo com o público. Mesmo na internet, um jornal precisa de renovação, sem isso, ele não cria vínculo com o público.